A LIBERDADE CRISTÃ NO PENSAMENTO DE JOSÉ COMBLIN, A PARTIR DA TEOLOGIA PAULINA

Robert Landgraf[1]

Resumo
Este artigo objetiva refletir, à luz do pensamento de Comblin, o conceito de liberdade Cristã na perspectiva da Teologia Paulina. Para Comblin, a Bíblia revela que a liberdade é a própria razão de ser da humanidade, o ser profundo, o eixo central de toda a existência humana . No pensamento Combliniano, o autor da doutrina da liberdade foi São Paulo, para quem ela é o caráter que atinge a totalidade do modo de ser do discípulo de Jesus, tornando-se, assim, uma vocação. Apesar de todas as situações de opressão, a liberdade existe e resiste. As lutas pelas liberdades não acabam nunca.
Palavras-chave: Liberdade. Comblin. Teologia. Paulo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva pesquisar o conceito de liberdade cristã no pensamento do teólogo Belga José Comblin, a partir da teologia Paulina. Para isso, em um primeiro momento, refletir-se-á sobre o conceito de liberdade no Antigo Testamento tendo o Êxodo dos hebreus como ação libertadora de Deus; em seguida, será analisada a temática da liberdade no Novo Testamento, a partir da pregação de Jesus e, por fim, abordaremos o conceito de liberdade na teologia paulina, tendo como referência o pensamento combliniano.

O ÊXODO COMO AÇÃO FUNDANTE DE DEUS EM FAVOR DA LIBERTAÇÃO-LIBERDADE

Em uma perspectiva moderna, o acontecimento do Êxodo do Egito foi para o antigo Israel o grandioso evento da libertação, e nenhum outro acontecimento é sequer comparável a ele. O centro da consciência do Israel antigo era a lembrança do êxodo:

> O meu pai foi um arameu errante que desceu ao Egito e foi buscar refúgio ali; eles eram poucos ainda. Mas tornaram-se uma nação grande e poderosa. Os egípcios maltrataram-nos, oprimiram-nos e impuseram-nos dura servidão. Então, chamamos Javé, o Deus dos nossos pais. E Javé escutou nossa voz, viu a nossa miséria, as

[1] Mestre em Teologia pela Puc-São Paulo. Mestre em Ciências da Religião pela Puc-Campinas. E-mail: betolandgraf@yahoo.com.br

> nossas penas e a nossa opressão. Javé retirou-nos do Egito com mão forte e braço estendido no meio de um grande terror, de sinais e prodígios. (Dt 26.5-8)

Esse fato está sempre presente na consciência do israelita. Ele norteia a representação de Deus, do mundo e de si próprio; todo o seu existir individual e social refere-se ao fato inicial da libertação. Ao longo dos séculos, esse acontecimento fontal continua a ser fecundo e gera novos efeitos, pois o ato inicial de libertação prolonga-se em inúmeros novos atos salvadores no decorrer da história da salvação (COMBLIN, 2009, p. 5).

O resultado da libertação operada no Êxodo não é considerado uma emancipação total, pois, uma vez que o povo está liberto das mãos do faraó, passa agora a ser propriedade de Deus. Assim, os israelitas são livres em relação ao Egito e à sua cruel escravidão, mas a liberdade só será possível e com verdadeiro significado se os hebreus mantiverem uma relação "saudável" com Yahweh. Em termos modernos, podemos dizer que os hebreus emancipados gozam da liberdade servindo a Deus, mas não possuem a liberdade no sentido de serem "livres dos mandamentos de Deus" (FITZGERALD, 2022, p. 867).

A LIBERDADE NO NOVO TESTAMENTO: JESUS HOMEM LIVRE E LIBERTADOR

O termo grego habitual para "liberdade" (*eleuthería*), não está presente nos evangelhos sinóticos, e o adjetivo *eleútheros* – livre – aparece apenas uma vez (cf. Mt 17.26). Porém, é importante saber que o conceito de liberdade, aparece na ideia de que Jesus liberta os homens concedendo-lhes a *áphesis*, o "desligamento" de tudo que os oprima, principalmente dos pecados. Tendo em vista que os pecados eram entendidos como "dívidas" no pensamento hebraico (cf. Mt 6.12; 18.32), a libertação que Jesus concedeu significa que ele anulou-perdoou as dívidas do pecado e o castigo por conta dessa dívida, e o resultado dessa ação é o perdão dos pecados (cf. Mt 26.28; Lc 1.77; 24.47). A libertação como desencarceramento é relevante para a apresentação que o Evangelista Lucas faz de Jesus como o ungido que realiza as profecias de Is 58.6 e 61.1-2, que traz liberdade aos prisioneiros e aos oprimidos e restitui a vista aos cegos (cf. Lc 4.18-21), que é uma "alegre notícia", principalmente aos empobrecidos (FITZGERALD, 2022, p. 871).

Para o Evangelho de João, Jesus é a verdade (cf. 1.17), testemunha a verdade (cf. Jo 18.37), proclama a verdade (cf. Jo 8.45-46) que ouviu do Pai (cf. Jo 8.38-40), que está cheio de verdade (cf. Jo 1.14), cuja palavra é verdade (cf. Jo 14.17; 15.26). Assim, "se o filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres" (Jo 8.36). Assim, podemos dizer que o próprio Jesus e a revelação divina que ele traz são o que liberta e o que permite a quem foi libertado, que pertence à verdade (cf. Jo 18.37) e nela é consagrado, agir na verdade e adorar em espírito e verdade. Entretanto, para os que não aderem a Jesus, continua o processo de escravidão sob o maior de todos os poderes: o pecado (cf. Jo 8.34) (FITZGERALD, 2022, p. 871).

Para o Evangelista João, a liberdade é o objeto da boa nova anunciada por Jesus, que tem por objetivo a proclamação de alguns atributos essenciais: a vida, a luz e a liberdade. Para João, a vida é liberdade, assim, procede da luz e da verdade (COMBLIN, 1996, p. 96).

No Evangelho de João, está subjacente a ideia do povo de Deus como verdadeiro Israel. Os discursos de Jesus não são dirigidos a pessoas de maneira individualista, mas ao verdadeiro Israel, e Jesus é o novo Moisés, seu chefe. Essa situação está sempre na base de todos os conceitos. A liberdade que Jesus anuncia não é a liberdade filosófica ou de uma mística isolada da realidade do mundo, mas sim a liberdade do verdadeiro Israel, oposto à falsa liberdade, que é realmente escravidão, do falso Israel (COMBLIN, 2009, p.97).

No quarto Evangelho, Jesus revela que Israel tinha uma mensagem para o mundo: a mensagem do povo de Deus, fiel à palavra recebida e vivida no amor e na caridade. Entretanto, o Israel histórico foi infiel à sua vocação e perdeu a mensagem de liberdade, deixando de anunciá-la. Israel refugiou-se na lei e nos seus privilégios, fecharam-se em si mesmos, confiaram nas próprias forças, não se abriram para o mundo e não assumiram a missão dentro do mundo e, pior, tornaram-se colaboradores do mundo pecador ao entregar Jesus ao mundo (COMBLIN, 2009, p.97).

O que permite ter acesso à liberdade ou fechar as portas é o testemunho. A vocação de Israel é dar testemunho ao mundo, mas, para isso, é necessário recebê-lo de Jesus, pois ele é a sua Palavra. A salvação de Deus acontece em forma de Palavra, que deve despertar o ser humano para a luz e para a vida. Essa Palavra é criadora de liberdade e havia sido pronunciada, em parte, para Israel, sendo os filhos de Israel chamados a recebê-la para torná-la conhecida ao mundo inteiro. Porém, eles não a receberam e preferiram as trevas à luz: "Veio até os seus e os seus não o receberam" (Jo 1.11) (COMBLIN, 2009, p. 98).

Acolher a palavra com todo o seu dinamismo, bem como a missão que dela emana, significa ser verdadeiramente livre neste mundo e, consequentemente, passar a pertencer a um povo livre, povo dos profetas da liberdade oferecida pelo Pai. Assim, Jesus afirmou: "Se permaneceis na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade, a verdade vos libertará" (Jo 8.2) e "Se o Filho vos libertar, sereis realmente livres" (Jo 8.36). Desse modo, a verdade que liberta é aquela assumida na missão profética. Testemunhar a palavra de Jesus é libertador e proporciona liberdade em um mundo marcado pela escravidão do pecado (COMBLIN, 2009, p.102).

A liberdade cristã está situada entre esses dois polos que a delimitam, o já e o ainda não. Já ocorrem aproximações libertadoras, promovidas pelas instituições e por pessoas que testemunham e anunciam a palavra de Jesus na humanidade, livrando-a de toda espécie de dominação; entretanto, a liberdade em plenitude ainda não ocorreu, pois ela se dará na plenitude dos tempos, quando Cristo for tudo em todos e o Reino de Deus for consumado. O que o Evangelho de João nos revela é o quadro em que se coloca o problema da liberdade e os indispensáveis elementos para conquistá-la (COMBLIN, 2009, p.104).

PAULO E A MENSAGEM DA LIBERDADE SEGUNDO COMBLIN

No pensamento do Apóstolo Paulo, o conceito de liberdade está no centro, porém, para conseguir compreender melhor essa centralidade, faz-se necessário lembrar o que significa evangelho para o apóstolo, pois ele mesmo não quis ser outra coisa que não o "ministro do evangelho" (Cl 1.23). Comblin afirma:

> Numa notícia, há um elemento central, ao redor do qual se organizam todas as palavras. Uma notícia pretende finalmente transmitir um objeto de conhecimento. Qual é esse elemento central ao redor do qual tudo gira? Cremos que esse núcleo é a mensagem da liberdade. Tudo gira ao redor disso. Paulo anuncia da parte Deus uma liberdade. Tudo gira ao redor disso. Não considerar esse dado essencial como ponto de partida é cortar o núcleo da mensagem, tirar-lhe o sabor, suprimir-lhe o alcance. Paulo pretende comunicar aos homens uma novidade formidável: essa novidade é a liberdade. (COMBLIN, 2009, p. 20)

Um dos aspectos mais evidentes do conceito de liberdade no pensamento paulino implica a relação entre a liberdade e a lei. É importante lembrar que, segundo o paradigma dos antigos israelitas, no que diz respeito a essa relação, o povo hebreu tinha sido libertado da escravidão do Egito e conduzido ao monte Sinai, onde Deus lhe deu a lei. Assim, a liberdade e a lei são correlatas, ou seja, para ser livre, é preciso cumprir a lei, que oferece os requisitos necessários para o exercício da liberdade. Paulo apresenta uma virada quase inacreditável que, para muitos, é escandalosa: ele compara o monte Sinai à escravidão (cf. Gl 4.22-25). Ele, com seu pensamento, desloca o paradigma: se antes a liberdade era viver a lei, agora, a liberdade implica na libertação "da" lei (Cf. Rm 7.6) (FITZGERALD, 2022, p. 872).

A oposição entre a lei e a liberdade é fundamental no pensamento do Apóstolo Paulo e está subentendida no Novo Testamento. Essa oposição, para o apóstolo, é a novidade trazida por Jesus, que precisa ser anunciada e que deve estar no centro de qualquer nova evangelização, mesmo que incomode os poderosos do mundo ou as autoridades eclesiásticas (COMBLIN, 1996, p.72).

Paulo afirma: "É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão" (Gl 5.1). A lei é a escravidão, e não está circunscrita apenas a alguns preceitos da tradição judaica, como a circuncisão que seria extinta pelo cristianismo. A escravidão da lei abarca a totalidade do sistema religioso que Paulo experimentou enquanto era um judeu e fariseu fervoroso, ante sua experiência com o Ressuscitado no caminho para Damasco, que o levou à conversão (COMBLIN, 1996, p.72).

Entretanto, disso não resulta que as diversas formas de lei representem puros enganos. As leis desempenharam um papel histórico fundamental na preparação da economia da liberdade, ou seja, por lei entende-se uma economia religiosa transitória, cujo objetivo era conduzir a história a Cristo, mas, ainda hoje, sob o regime da liberdade, elas devem ser assu-

midas de forma superior e recebem novo significado. Assim, a perspectiva paulina deve ser pensada pela perspectiva do Evangelho segundo Mateus: "Não penseis que vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas cumprir" (Mt 5.17). Paulo não pretende voltar atrás, aquém da lei. Objetiva anunciar um além da lei, no qual a lei acha sua realização plena-perfeita. A lei desaparece diante de um modo de viver mais perfeito, ou seja, no amor: "Fostes chamados, irmãos, à liberdade, não a uma liberdade que dê ocasião à carne; sede escravos uns dos outros pelo amor" (Gl 5.13) (COMBLIN, 2009, p.36).

É importante lembrar que o pensamento paulino, ao fazer defesa da liberdade da lei, não está sugerindo que o ser humano viva de maneira libertina, nem na desordem, nem a partir da egolatria. São Paulo não defende que é permitido matar, roubar ou cometer adultério, mas que essa antiga lei seja substituída por uma lei superior: a lei do Espírito, a lei do amor, a lei da liberdade. Toda lei se cumpre em uma só ordem: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (Gl 5.3-14). Essa é a lei que São Tiago denomina "a lei da liberdade" (Tg 1.25; 2.12) que cria "escravos" do amor (COMBLIN, 2009, p. 39).

Paulo anuncia a novidade da mensagem de Jesus em relação ao sistema judaico antigo e destaca o alcance dessa novidade, seu aspecto revolucionário e sua profundidade qualitativa, que é capaz de uma verdadeira revolução no sistema de valores da humanidade (COMBLIN, 2009, p.39).

Para Paulo, à medida que o ser humano vive a lei do amor anunciada por Jesus, ele abandona seus grilhões e se torna livre de todo tipo de subordinação que advém de normas e preceitos que lhe sejam alheios ou exteriores, conquistando, assim, a realização plena da sua humanidade desejada pelo Criador, que é justamente ser livre (COMBLIN, 2009, p.39).

A doutrina de Paulo leva a uma transformação radical de todas as estruturas sociais, gerando incerteza, tendo em vista que, para os povos antigos, a lei representa uma conquista da civilização contra a barbárie, expressão da sua cultura, representante de sua originalidade; cada indivíduo se identifica e descobre sua identidade nas leis que observa. Assim, a pergunta que brota é: "como imaginar uma sociedade qualquer que seja capaz de subsistir sem lei, sem regras, sem normas, puramente baseada na espontaneidade do amor"? São Paulo teria pensado no povo cristão como uma sociedade alicerçada no puro amor, sem nenhuma forma de estrutura ou com estruturas igualmente livres, portanto, sempre sujeitas à revisão, de acordo com a espontaneidade do amor. "Onde achar tal realização do cristianismo?" (COMBLIN, 2009, p. 40-43).

Paulo não tinha por objetivo abolir do povo de Deus todas as normas jurídicas, até porque tinha consciência de que nenhuma sociedade ou grupo humano subsiste sem essas estruturas. Porém, pelo fato de colocar como primeiro princípio a liberdade, modificou a perspectiva de qualquer sistema normativo. A pura lei do amor e da liberdade é um dom e uma vocação que terão sua plena realização na Parusia. No hoje da história, a lei da liberdade e do amor é um princípio inspirador que anima a transformação de todas as estruturas so-

ciais e pessoais, impelindo a uma revisão de todas as leis, tendo como base regulamentadora dessa revisão a premissa: "a lei da liberdade e do amor será sempre a lei última" (COMBLIN, 2009, p. 44-45).

Um ponto importante para que a realidade da liberdade se concretize na sociedade é entender que, para Paulo, o amor não é simplesmente a solidariedade tradicional da família, da pátria e da Igreja. No Novo Testamento, particularmente no pensamento paulino, não existe contradição entre amor e liberdade. Amor e liberdade convergem e pertencem à mesma projeção da personalidade, porém, para alcançar essa convergência, é necessário superar o individualismo moderno e o comunitarismo tradicional (COMBLIN, 1996, p.85).

Os Evangelhos revelam que o modo como Jesus ama foge da convencionalidade, ou seja, não está limitado à solidariedade tradicional, não se limita à família etc. (Mt 10.34-39), mas abrange também os não-judeus, abre-se para os samaritanos e até mesmo para os romanos opressores do povo, amor aberto aos pecadores de quem se aproxima com compaixão.

Para que a construção da sociedade pautada sobre a liberdade do amor seja uma realidade, ela deve abandonar a forma de amor tradicional e entrar na lógica do reconhecer o outro, aceitar seu existir, seu direito de viver, agir, tomar iniciativa, ocupar espaço, promover-se e aceitar sua diferença; ter disposição de se colocar a serviço para ajudar no processo de libertação do outro. Amar é compartilhar, é renunciar a privilégios e exclusivismos, e ser capaz de dialogar com o outro que é diferente (COMBLIN, 1996, p.88).

Ao iniciar a convivência com outros, ou seja, com o diferente, o ser humano torna-se criador de liberdade. Deus mostrou-se livre ao chamar o ser humano à liberdade e, da mesma maneira, o ser humano torna-se livre ao chamar e promover seus semelhantes à liberdade. Ao ir ao encontro dos empobrecidos, dos excluídos e sofredores, o ser humano desperta para a liberdade e abre a possibilidade do outro ser livre (COMBLIN, 1996, p.89).

O serviço ao outro é uma condição exigida pela liberdade, pois o ser humano é um ser corporal e possui necessidades materiais. É hipocrisia dizer a quem tem fome que o reconhece como pessoa, sem lhe oferecer o pão para comer. É importante o relacionamento fraterno que rompe a barreira da exclusão e retira o pobre da sua humilhação, no entanto, sem matar a fome material do outro excluído, tudo que se diz é falacioso. A liberdade inclui o serviço mútuo e não somente a convivência e o diálogo, pois o amor verdadeiro é caracterizado pelo serviço (COMBLIN, 1996, p.90).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o teólogo José Comblin, o evento do Êxodo foi para o antigo Israel a ação fundante de Deus em favor da liberdade, entretanto essa liberdade só seria verdadeira se

mantivessem sua fidelidade aos mandamentos de Deus. O Novo Testamento nos apresenta Jesus como homem livre e libertador, por isso acolher e dar testemunho de sua Boa Nova é entrar na dinâmica da liberdade. Para Comblin, o núcleo central da mensagem paulina é a liberdade que consiste na capacidade de construir uma vida baseada no amor, não em um sistema de leis, preceitos, costumes ou necessidades, e que a construção de uma sociedade livre está pautada no exercício do amor incondicional a todos, sem exclusão, e principalmente aos empobrecidos.

REFERÊNCIAS

COMBLIN, José. **Cristãos rumo ao século XXI**: nova caminhada de libertação. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1996.

COMBLIN, José**. A liberdade Cristã**. São Paulo: Paulus, 2009.

FITZGERALD, John. Liberdade. *In*: **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Trad: Cássio Murilo Dias da Silva *et al*. São Paulo: Loyola.

OLIVEIRA, Alves Renata. Reflexões Antropológicas e teológicas sobre a liberdade humana. **Revista de Cultura Teológica**. n. 100, p. 1-39. Set\dez. 2021. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/56363 Acesso em: 5 abr. 2023.